

CORPOS EM CHOQUE NO “MUNDO”: SOBRE VIAGENS, FRONTEIRAS E OS DESAFIOS DO “ENTRE-LUGAR”¹

BODIES COLLIDING IN THE “WORLD”: ABOUT TRAVELS, BORDERS, AND THE CHALLENGES OF THE “IN-BETWEEN”

Telma de Sousa Bemerguy

tsbemerguy@gmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4864-0010>

RESUMO

Apostando na potência de uma escrita em ensaio, apresento aqui uma proposta de experimentação narrativa que possa conduzir o leitor a visualizar e sentir na própria etnografia a forma como nossas trajetórias, nossos corpos, nossas marcas e nossos medos delimitam pesquisas antropológicas sobre fronteiras, movimentos e experiências de mobilidade. Como podemos reinserir narrativamente nossos corpos no mundo? Como podemos fazê-lo, levando em conta tanto as “viagens” que nos constituem como sujeitas, quanto como mulheres antropólogas? Com essas ideias em mente, ao longo do texto, a descrição do choque entre diferentes corpos no mundo – os meu e os dos sujeitos com quem interagi em minha pesquisa de campo na Amazônia brasileira – será meu ponto de partida para conduzi-los dentre os elementos de uma teoria etnográfica genderizada/sexualizada dos movimentos pela fronteira em expansão.

Palavras-chave: viagem; amazônia; etnografia em movimento.

ABSTRACT

Through the potentialities of a detailed ethnographic essay, I present here a proposal for narrative experimentation that can have the reader to visualize and feel through my writing, the way our trajectories, bodies, marks and fears delimit anthropological research on borders, movements and mobility experiences. How can we narratively reinsert our bodies into the world? How can we do this, considering both the “travels” that constitute us as general subjects, as well as women anthropologists? With these ideas, throughout the text, the description of the collision between different bodies in the world – mine and those of the subjects with whom I interacted in my fieldwork in the Brazilian Amazon – will be my starting point to reflect on some elements of a gendered/sexualized ethnographic theory of the movements through the expanding frontier.

Keywords: travel; amazon; moving ethnography.

EM BUSCA DE DESOBEDECER

A ideia da “viagem” e os fetiches da “distância” constituíram transversalmente o processo de consolidação da antropologia enquanto disciplina. Ao produzir um “outro”, distante e diferente como o “objeto” privilegiado da prática antropológica clássica, os “pais fundadores” da disciplina lançaram as bases para que um certo tipo de trabalho de campo fosse entendido como nosso de rito de passagem maior, o passo indispensável para nos tornarmos antropólogos de fato (STOCKING JR, 1983; PEIRANO, 1998, CLIFFORD, 2000). Viajando para nos distanciar e nos distanciando para buscar um “outro” que nos permitisse confrontar a alteridade. Apesar dos escrutínios e tensionamentos gerados por nossas muitas “crises de representação” (CLIFFORD; MARCUS, 2016), a tríade viagem-distância-alteridade segue povoando os imaginários da disciplina e não raramente (re)aparece fortalecida, perpassando críticas dirigidas a escolhas de pesquisa “próximas” demais. Nesse artigo, buscarei tensionar a durabilidade dessa imagem de Antropologia, percorrendo experiências vividas na região em que nasci, território que há muito tem sido descrito e “desbravado” por diversas categorias de “viajantes”: a “Amazônia”².

Tal como destaca Pacheco de Oliveira (2008), partilho da leitura de que a “Amazônia” é antes de tudo uma “imagem” com capacidade de dirigir perguntas e ações e muitas vezes de governar expectativas e emoções. Esta ideia tem me parecido interessante tanto para refletir sobre as práticas de governo dirigidas para a região (BEMERGUY, 2019a) como para pensar criticamente sobre as questões que a antropologia (não) tem dirigido a esse lugar (BEMERGUY, 2019b). O quadro de imagens duradouras de fundo colonial que perpassam as “invenções” sobre a região (GONDIM, 1994) tem feito convergir sobre a “Amazônia” um status de periferia exótica do país. No nível do campo antropológico (BOURDIEU, 1983), isso tem tido como efeito a produção de certo atrelamento entre a área e determinados temas e abordagens “corretos”, criando um tipo de zoneamento temático territorializado (BEMERGUY, 2019b), que se evidencia também através das referências persistentes a essa região como um lugar onde (só?) seria possível viver uma experiência de encontro com a “alteridade radical” (PEIRANO, 1999). A meu ver, a relação que muitos antropólogos estabelecem com a região, portanto, parece passar por um certo fascínio motivado pela ideia de que ali seria um lugar para onde seria possível “viajar”, encontrar um “outro” e “fazer antropologia de verdade”.

Atenta às imagens inspiradas pelas referências à região, em nossos “círculos”, em políticas públicas, em relatos históricos e trabalhos acadêmicos, ao longo de minha formação e de meu investimento de pesquisa, logo se tornou evidente que desde o colono da Coroa aos colonos das rodovias, desde os “viajantes desbravadores” aos antropólogos de hoje em dia, a perspectiva hegemônica sobre a “Amazônia” constantemente a (re)produzia como um lugar para onde se vai e para onde se “via-

ja” e raramente como um lugar de onde se é ou de onde se vem. Com essas questões em mente, sugiro que a forma como decidimos manejar a “Amazônia” como contexto é decisiva para fazer emergir (ou não) questões obliteradas em análises sobre a região. Muitas vezes pensamos o “contexto” como uma dimensão dada, quase independente, que existe de forma acabada em algum lugar, e dessa maneira acabamos por transformar o que deveria ser um elemento a ser explicado na própria explicação e perdemos de vista que “criações de texto e criações de contexto são ações criativas do mesmo tipo” (FABIAN, 1995). Os contextos – enquanto quadros de referências que dão sentido a certas ideias – podem ser acionados ou justapostos para produzir um efeito particular na escrita etnográfica (STRATHERN, 2014).

Com essas questões em mente, tenho buscado manter essa “Amazônia” entre aspas como um quadro de referência, mobilizando-a criativamente e criticamente para inspirar escolhas de pesquisas desobedientes e usando-a como uma espécie de sinal de alerta em uma busca por me inserir no “entre” as muitas “imagens” duráveis que incidem sobre a região e sobre a antropologia que se faz ali. Para mim, a antropologia é uma forma possível de indagar o mundo, que comecei a conhecer em 2011, na Universidade Federal do Oeste do Pará, e a qual, desde então, tenho mobilizado enquanto instrumento para produzir conhecimento sobre um lugar a que também pertença, em uma relação de trabalho que me constitui profundamente, para além da pesquisa. Nessa busca de caminhos por desobedecer, com o texto que apresento a seguir, trato de explorar o que poderia fazer emergir no debate sobre as fronteiras ao decidir explicitar quem sou e as marcas afetivas que tornam impossível para mim separar minhas “viagens” de pesquisa de meus caminhos de retorno para casa. Entendo que aquilo que conhecemos e registramos sobre os mundos que pertencemos ou que nos dispomos a percorrer consiste tão somente em um registro parcial da realidade delimitado por nossas posições situadas (HARAWAY, 1995; HARDING, 2004). Tal qual sugere Nascimento (2019), assumo que a pesquisa etnográfica e o “estar em campo” necessariamente delimitam um ato de evidência do próprio corpo e que as relações estabelecidas são profundamente marcadas pela dimensão da visibilidade corpórea de nossas marcas e pelos modos como nos expressamos corporalmente. Apostando na potência de uma escrita em ensaio, apresento aqui uma proposta de experimentação narrativa que possa conduzir o leitor a visualizar e sentir na própria etnografia a forma como nossas trajetórias, nossos corpos, nossas marcas e nossos medos delimitam o fazer antropológico. Assim, mais do que anunciar de antemão como a posição importa, buscarei fazê-la transbordar da própria narrativa e falar por si.

Um dado fundamental para compreender a posição de onde falo nesse momento é não perder de vista minha condição de migrante, minha posição de ser-e-não-ser mais do lugar onde cresci. Longe a quase

cinco anos de minha cidade no Pará, nesse ensaio, apresentarei como fui confrontada com meu “entre-lugar” (BHABHA, 1998; ANZALDUA, 2000) durante meu trabalho de campo sobre experiências de mobilidade e de migração na região. Não tratarei, portanto, de uma identidade “nativa” dura, mas de interstícios, de sobreposições e deslizamentos entre marcadores sociais da diferença e das formas como eles demarcaram a perspectiva de campo que me foi “possível” como antropóloga, mulher, lésbica e amazônida em movimento.

Não me parece desimportante lembrar que o fazer antropológico delimita desafios do campo às páginas que precisamos construir para partilhar nossas análises, ideias e percepções. Nosso trabalho é marcado por um exercício contínuo de escrita. E em nossos escritos, quando assumimos os aportes de uma perspectiva parcial, muitas vezes, acabamos por produzir a posicionalidade de nossa percepção como uma espécie de pano de fundo que orienta nossas pesquisas, apresentando uma descrição prévia e pontual de nossas trajetórias e marcas sociais, as quais acabam por desaparecer no corpo maior de nossas textualizações (NASCIMENTO, 2019). Considerando a dimensão discursiva e criativa de nosso fazer, pergunto, então, como podemos reinserir narrativamente nossos corpos no mundo? Como podemos fazê-lo, levando em conta tanto as “viagens” que nos constituem como sujeitos, quanto como antropólogas? O que isso pode oferecer para uma análise sobre fronteiras, movimentos e experiências de mobilidade? Em suma, como contaminamos a análise com nossa presença? Com essas ideias em mente, aqui, proponho transformar a descrição do choque entre diferentes movimentos e “culturas viajantes” (CLIFFORD, 2000) – os meus e os dos sujeitos com quem interagi – em meu ponto de partida para conduzi-los dentre os elementos de uma teoria etnográfica genderizada/sexualizada dos movimentos pela fronteira.

ENTRE PESQUISAS POSSÍVEIS E APOSTAS INICIAIS: TRANSFORMANDO A “VIAGEM” EM ETNOGRAFIA

Ao longo do ensaio apresentarei parte do material etnográfico reunido durante quarenta e sete dias de trabalho de campo realizado entre diversas localidades do Pará e do Maranhão, entre fevereiro e abril de 2018. Os trabalhos realizados no período consistiram minha primeira “viagem” de “retorno” ao campo no contexto da realização de minha pesquisa de doutorado. Inspirada pelas elaborações de Vianna e Lowenkron (2017) sobre a existência de uma “dinâmica mutuamente produtiva” entre “gênero” e “Estado”, meu principal interesse nessa primeira etapa consistia em avaliar as possibilidades de produzir um estudo etnográfico transversal centrado em experiências e discursos produtores de Estado/gênero, relacionados aos “movimentos de fronteira” (VELHO, 2009) estruturantes do processo de formação de Estado no Brasil.

Como bem mostra uma extensa literatura sobre o tema, o caso brasileiro tem rendido importantes contribuições (VELHO, 2009; PACHECO DE OLIVEIRA, 2008) a este debate clássico nas ciências sociais (LONDOÑO, 2003; FASSIN, 2011). Entretanto, apesar da demonstrada centralidade dessa categoria no pensamento social nacional (VIDAL E SOUSA, 1998), chamou minha atenção o fato de que diferentemente do contexto internacional – onde já há algum tempo institucionalizou-se um campo de pesquisas voltado a explorar intersecções entre estudos de fronteira e estudos de gênero – no Brasil, a despeito da também vasta e importante produção relacionada a esse último campo³, não houve um movimento similar⁴. Seguindo as críticas de Vianna e Lowenkron (2017, p. 3), penso que essa “lacuna” também está relacionada à escassez de pesquisas interessadas em levar às últimas consequências, a partir do contexto brasileiro, a perspectiva de que “não há processos de Estado (e, particularmente, de formação de Estado-nação) que não sejam atravessados por dinâmicas, gramáticas e/ou dispositivos generificados”. Ademais, é interessante também destacar que se a “Amazônia” tem sido pensada como um espaço privilegiado para os estudos sobre a “fronteira”, os temas do gênero e da sexualidade ainda são pouco associados à região (GONTIJO E ERICK, 2015). Assim, perseguir possíveis intersecções analíticas entre “Estado”, “gênero” e “fronteira” se tornou um dos principais objetivos de meu projeto inicial de doutorado.

Uma das poucas “certezas” que tinha quando sai do Rio de Janeiro para iniciar a primeira etapa de meu trabalho de campo dizia respeito à centralidade e cotidianidade das experiências de mobilidade, viagem e trânsito na configuração da vida vivida ao longo dos rios, estradas e percursos (em) que pretendia estudar. Atenta ao caráter extremamente polissêmico da categoria “fronteira”, ainda quando realizava as leituras que embasaram o projeto de pesquisa que me levou a campo, chamou minha atenção a existência de um vocabulário comum relacionado tanto a acepções teóricas como a noções coloquiais relacionadas ao termo. Observei que, mesmo quando recuperada em seu sentido pragmático de linha territorial e em sua função de definir limites geopolíticos a (não) serem cruzados, a fronteira (*border*) se imagina como algo que (pode) se atravessa(r), que (pode) se ultrapassa(r) e que por isso deve ser protegido (FASSIN, 2011; FACUNDO, 2014; STAUDT, 2018). Por outro lado, notei que se recuperamos o termo em seu significado de demarcação da essência de uma experiência/ato/coisa/performance específica (de vida, de humanidade, de identidade, de gênero, de sexualidade) nos deparamos com a fronteira analiticamente produzida como um espaço da fricção, da troca, da hibridização, da fluidez, da porosidade e mesmo da transgressão e do perigo (SEEGER et al., 1979; BARTH, 1997; BUTLER, 2004; HARAWAY, 1994; BHABHA, 1998; ANZALDUA, 2000). Por fim, observei que se pensamos na fronteira (*frontier*) como um espaço imaginado do “vazio”, do “atraso”, das “frentes de expansão”, (RICARDO,

1970; SERJE, 2005; PACHECO DE OLIVEIRA, 2008; VELHO, 2009; URIBE, 2017) rapidamente somos remetidos a uma ideia de um lugar para onde se vai, de um território a se “conquistar” e a se intervir para transformar, desenvolver, civilizar. Chamou minha atenção, portanto, que na mesma medida em que a categoria remetia a fixidez (linha, limite; o que é e o que não é) também remetia essencialmente à ideia de movimento, de viagem, de deslocamento, de (fazer) virar outra coisa.

Dessa forma, em busca de analisar a transitoriedade como uma das características marcantes da realidade em regiões de “fronteira” (*frontier*) em expansão, pensei que habitar o próprio espaço da viagem poderia render registros etnográficos interessantes para explorar as observações de Guedes (2013) acerca do “valor em si mesmo do movimento”, destacando através de uma etnografia sensível a configurações de gênero, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença, como o “entre, o trecho e o mundo” podiam ser espaços habitáveis por si só. Essas ideias iniciais, aliadas ao enxuto orçamento de que dispunha para custear passagens e as “cobranças” de que parasse em certas cidades para também estar com meus familiares, levou-me a decidir realizar o máximo possível de trajetos por “terra”.

Desse modo, após três horas e meia de voo, no dia 22 de fevereiro de 2018 cheguei a Belém, capital do Pará, de onde segui para Ananindeua, município vizinho em que atualmente reside minha mãe. Cinco dias depois, parti de Belém para Santarém, cidade onde residem meu pai, meus irmãos e avós, em um dos muitos barcos que partem diariamente para um percurso de dois dias e meio de viagem através dos rios Pará, Pracaxi e Amazonas. De Santarém meu próximo destino planejado era Marabá, município que poderia acessar apenas de ônibus ou avião. Mas estaríamos em março, ainda sob o jugo do que chamamos de “inverno amazônico”, período de intensas chuvas na região, que afeta consideravelmente a circulação pelas estradas do interior do Estado, das quais muitas não são asfaltadas. Saindo de Santarém, o tempo de viagem previsto até Marabá era 24h, em um percurso pelas rodovias BR-163 e Transamazônica, passando por trechos possivelmente intrafegáveis de estrada. Desse modo, considerando a possibilidade de pontos de retenção no trajeto partindo de Santarém, para preservar os dias planejados para a realização de pesquisa na cidade de Marabá, optei por realizar a viagem até o município via Belém, por onde poderia realizar o trecho em 13 horas de viagem em vias asfaltadas e em melhores condições. Assim, após 12 dias em Santarém, dividindo-me entre compromissos familiares e de pesquisa, retornei à Belém de avião com o objetivo de seguir de ônibus para Marabá alguns dias depois. Enfrentei os atoleiros das rodovias apenas na viagem de volta, quando saí de Marabá rumo à Altamira, em retorno à Santarém.

As inúmeras horas de convívio e de conversa vividas ao longo dos caminhos percorridos em barcos, ônibus e terminais rodoviários de-

limitam, portanto, o espaço e o tempo das interações que inspiraram essa proposta de ensaio⁵. A seguir, apresento parte das narrativas produzidas durante minha primeira etapa de campo. Um recorte de meus movimentos que condensam alguns dos desafios enfrentados por mim no decorrer de meus percursos, buscando transformar a “viagem” em espaço da etnografia.

CHEGADAS, PARTIDAS E O INÍCIO DA “AVENTURA”

Cheguei em Belém por volta de meia noite. Mais cedo naquele dia, minha mãe e o marido me confirmaram que estariam lá para me buscar no horário marcado. Enquanto aguardava já do lado de fora do aeroporto, refletia sobre as muitas preocupações que rondavam aquele retorno. Uma delas me acompanharia ao longo de todo aquele período de campo. Como comunicar a meus familiares minha decisão em realizar meu trabalho, que eles nem sempre entendiam como trabalho, em áreas que eles certamente leriam como “perigosas”? E mais, como comunicar, tranquilamente, que eu havia decidido chegar até essas áreas viajando sozinha pelas nossas tão faladas péssimas rodovias bem no meio de um dos invernos mais rigorosos que atingiram a região nos últimos anos? Emaranhada em uma relação ambígua de emancipação e dependência muito marcada pelo fato de ser a única filha mulher entre quatro irmãos, eu temia algum conflito ou até mesmo interferências diretas e tentativas de proibição.

Ainda no carro, compartilhei com minha mãe e seu marido os planos que havia feito para aquele período. Preocupada em não dar a entender que minhas viagens eram a passeio ou que eu simplesmente havia resolvido jogar tudo para o alto e bater perna pelo Pará, primeiro contei empolgada que havia conseguido um fundo no Museu Nacional para financiar aquele período de viagens. Depois falei sobre os trajetos, o barco, as rodovias e o período em Marabá.

– Égua, mas tu ainda vai logo no período da chuva! Uma aventura e tanto isso que tu vai fazer, hein! – me disse Deni, surpreendentemente empolgado com meus planos. Minha mãe apenas ouviu.

No final das contas, a empolgação foi tanta que Deni, que estava de férias, se ofereceu para me levar até Tucuruí, município no meio do caminho entre Belém e Marabá. Ao longo de sua vida, ele havia trabalhado em diversos órgãos do governo do Estado do Pará e conhecia grande parte das estradas e dos municípios da região.

– Lá é bacana, tem a hidrelétrica, já foste pra lá? – disse Deni

– Eu não! Nunca fui pra essa parte do Pará – respondi.

– Tua mãe também não conhece, se tu quiseres a gente pode ir te levar, faz um passeio e de lá tu segue pra Marabá!

– É, filha, podemos ir! – completou minha mãe – Que aí já te economiza de ter que pegar o ônibus!

Durante os dias que se seguiram, aos poucos, fui convencendo minha mãe que aquela “aventura” teria que fazer sozinha. Estar no ônibus era importante para a pesquisa. Expliquei que eu iria à Santarém de barco, retornaria à Belém de avião e seguiria para Marabá de ônibus, alguns dias depois. Quando me deixou no porto para pegar o barco alguns dias depois, Deni ainda falava com alguma certeza sobre a possibilidade de os dois fazerem a viagem comigo.

27 de fevereiro de 2018. O barco sairia às 18h. Duas horas antes, saímos de casa rumo ao porto. Era importante não chegar tarde para pegar um bom lugar para atar a rede. Sabia bem como funcionavam as viagens de barco na região. Ao longo da vida, havia viajado diversas vezes a municípios próximos à Santarém para visitar os parentes. Dada à precariedade das estradas em certas regiões do interior do Estado, o deslocamento pelas águas, apesar de demorado, fazia parte do cotidiano de moradores das cidades e comunidades de beira de rio. Em trechos mais curtos havia ainda a opção mais rápida e mais cara das lanchas, mas naqueles mais longos como o que eu fazia, as opções eram os barcos “navios” ou as balsas. A linha que sairia aquele dia era a Belém-Manaus, um trajeto de seis dias de viagem, com escala em diversos municípios, entre eles, Santarém. Havia duas categorias principais de passagens, uma para viajar na rede nos espaços coletivos, outra para viajar nas poucas acomodações privativas disponíveis: os camarotes. A primeira era, de longe, a mais barata. Algumas embarcações cobram preços diferentes para cada andar dos barcos, mas, no geral, funciona assim: você apenas compra o bilhete para uma vaga de rede, o lugar da rede é definido por ordem de chegada. Quem ataca primeiro a rede, pega o melhor lugar! No “Nélio Correa”, o esquema era exatamente assim.

A embarcação não era das maiores. Possuía três andares e havia espaço para atar redes em todos eles. Sabia que o melhor era sempre o segundo andar. No primeiro, o barulho do motor era alto demais e as redes ficavam no caminho para acessar o porão de cargas. Ou seja, a cada parada, de dia ou na madrugada, seu descanso seria perturbado pela movimentação gerada pela entrada e saída de mercadorias. No terceiro, o espaço era dividido por uma parede entre a área de redes e a área do bar, onde a música rolava solta até altas horas da noite junto com os passageiros que ficavam por ali bebendo cerveja. No segundo, a área de redes era maior e havia mais banheiros para o uso coletivo. Ainda assim, estava em dúvida onde seria mais “estratégico” ficar: na maior tranquilidade do segundo andar ou na agitação da sociabilidade criada pelo bar. Insinuei que ficaria no terceiro. Após minha mãe me repreender com o olhar, acabei ficando no segundo mesmo.

O barco estava bastante cheio. Foi difícil encontrar um lugar entre as muitas redes que quase enchiam o andar que escolhemos. Não havia muitas opções. Um pouco contrariada, acabei ficando entre as redes de

duas famílias, dois jovens casais que viajavam com seus filhos pequenos. Seriam dois dias e meio de conversas, redes apertadas, esbarrões acidentais e convivência diária. Satisfeita por me deixar em um “ambiente familiar”, por volta das 17h e 30min, minha mãe me desejou sorte e seguiu com Deni de volta para casa.

ENTRE HOMENS, GARIMPOS E ESTRADAS DE ÁGUA⁶

*Esse rio é minha rua
Minha e tua Mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré*
(Paulo Barata)

17:30. Aline estava agitada. Sentada em sua rede com Arthur no colo e seguindo Ana Beatriz com os olhos, ela conversava com Daily, que estava com seu filho, Marcelo, na rede quase a seu lado. Literalmente metida no meio da conversa, estava eu deitada em minha rede. Aline de um lado, Daily de outro e eu entre elas. Era uma hora da tarde quando seu marido, Joab, havia “saído pra bater perna” com uns amigos em Belém e até agora não havia voltado, nem dado notícias. Elas conversavam sem se incomodar com minha presença e quando percebi haviam me incluído na conversa como se já fôssemos antigas conhecidas. “Que horas sai o barco?” – perguntou Aline. “Quando comprei a passagem me informaram que saía às seis” – respondi.

Ela se exaltou ainda mais. Será que deveria descer com as crianças? Não havia nada que pudesse fazer em Manaus, seu destino final, sem o marido. Andando de um lado para o outro com Arthur no colo, logo ela começou a nos contar que não era a primeira vez que Joab lhe aprontava uma dessa. Há uns anos atrás, quando ainda estava grávida da filha, Ana Beatriz, o barco que seguia rumo a Roraima parou para fazer uma escala mais longa em Santarém. Mesma história!

– Menina, dessa vez foi por pouco! Ele teve que pular pra entrar no barco. E era eu prum lado gritando: “Moço, pelo amor de Deus para esse barco, meu marido tá ali, moço, para esse barco...”. E o moço me dizendo: “Arruma outro! Já tu arruma outro” – ela riu alto antes de nos contar sua resposta – “Não, moço, quero esse aí mermo que esse que me engravidou, esse que tem que me sustentar!”

18h. E nada de Joab chegar nem do barco sair! Aline procurou então o capitão da embarcação que a tranquilizou com a notícia de que a viagem atrasaria e que partiríamos somente às 19h. Melhor. Podia adiar um pouco o plano de desembarcar às pressas com as crianças.

18:30h. Já tínhamos ouvido a primeira buzina que anunciava nossa partida próxima. Minutos depois, Joab chegou. Trouxe quentinhas para a mulher e para os filhos e agia como se nada tivesse acontecido. Janta-

ram juntos, cada um sentado em sua rede. Ele não se demorou a subir para o bar.

Joab tinha 32 anos, era filho de Tocantinenses e natural de Ourilândia do Norte, pequeno município de trinta mil habitantes localizado na região sudeste do Pará. Sua esposa, Aline, não tinha mais que trinta anos e era maranhense. Eles haviam se conhecido em Ourilândia, onze anos atrás e tinham dois filhos, Ana Beatriz, de oito anos e Arthur, que havia acabado de completar um. Os dois já haviam morado em Redenção, no Pará, em Boa Vista, no estado de Roraima e há oito anos estavam morando em Canaã dos Carajás, outro pequeno município da região sudeste do Pará. De lá, eles haviam partido de ônibus com os filhos rumo a Belém para pegar o barco até seu destino final, a cidade de Manaus, no Estado do Amazonas.

Na noite em que partimos subi ao bar para utilizar uma das mesas para escrever em meu caderno de campo e ali encontrei Joab, sentado sozinho, tomando uma latinha de cerveja. Sentei-me à mesa ao seu lado e logo ele puxou conversa perguntando o que era que eu tanto escrevia. Surpresa com a pergunta direta, respondi de maneira um pouco confusa que era antropóloga, estudava no Rio de Janeiro e que estava viajando realizando um trabalho de pesquisa ouvindo a história das pessoas que estavam em viagem. “E você quer ouvir minha história, moça?” – respondeu Joab com a voz já um pouco arrastada pelo excesso de bebida. “Se você quiser contar, vou adorar ouvir” – respondi. “Tenho uma história muito boa da minha vida pra contar!” – e desandou a falar.

Oito meses atrás, as coisas tinham começado a ficar difíceis em Canaã e por isso estava indo com a família tentar a vida em Manaus. “Moça, eu já comi uma moto! Já comi uma casa! Tá muito difícil sustentar a família, moça. Daí meu irmão que mora em Manaus chamou a gente pra lá. Eu vendi tudo! Tudo que eu tenho tá aqui nesse barco. Tô chegando lá com o dinheiro pra um aluguel, uma cama e um rancho”. Joab fazia de tudo um pouco. A cada conversa que tivemos dizia trabalhar em uma função diferente: pintor, vendedor de crediário, operador de máquinas... O irmão havia prometido conseguir um serviço na Petrobras. Aline, por sua vez, trabalhava como manicure em um salão de beleza, informação que ele contou com um evidente desdém, dizendo que aquilo dava só para ela “comprar umas besteirinhas”, a família mesmo quem sustentava era ele. “Se minha mulher não me amasse muito, ela não tava aqui. Eu já fui muito errado nessa vida, moça, mas hoje eu tô com Jesus Cristo, tô melhor. Se eu fosse outro, moça, era fácil sumir. Dizia que tinha conseguido emprego em Manaus e deixava a família pra trás”. Continuou ele: “mas eu trouxe todo mundo, se é pra comer o pão que o diabo amassou, a gente vai comer junto. Eu não abandono filho! Eu sei quando custa um filho, porque eu sustento!”. Sempre com a latinha de cerveja na mão, logo ele começou a se emocionar enquanto falava. “Já passei muita fome

nessa vida, moça. Vários momentos difíceis, Aline tava comigo. Eu sei dar valor na minha esposa! Num troco ela por mulher nenhuma nessa vida. Moça, eu tenho uma história muito boa...”

“E a sua família? Você tem outros irmãos?” – perguntei. “Tenho sete irmãos. Tinha, na verdade. Mataram um irmão meu lá pra Goiânia. Ele era metido com coisa errada. Matava por dinheiro. Você é paraense?” – disse Joab.

– Sim, sim, sou de Santarém.

“Ah, mas então tu não sabe... tu não é de Tucumã, de São Félix do Xingu” – continuou – “Eu já fui muito errado nessa vida, moça, mas depois que meu irmão morreu, eu só vivo pra minha família. Só eu e meu Deus conhecem meu coração, ninguém mais. Mas, olha moça, a vida no Pará aqui pra gente é muito difícil, não dão oportunidade pra gente comprar uma bicicleta, um palmo de terra, sequer! Por isso que eu não culpo meu irmão, ele era corajoso, matava por dinheiro. Não sei como é lá na tua cidade, mas aqui no nosso interior é assim”.

Durante grande parte da conversa que tive com Joab aquela noite, sua filha Ana Beatriz, esteve presente. Ela parecia preocupada com o fato de ele estar bebendo e, brincando, várias vezes tentou tirar a latinha de cerveja das mãos do pai. Era especialmente quando ela se aproximava que Joab repetia o quanto amava a família e dava valor à mulher. Quando ela se afastava, não poucas vezes, Joab se insinuava para mim.

No dia seguinte, tentei me aproximar mais de Aline, esposa de Joab. Eu, ela e Daily conversamos bastante durante aquela manhã, mas eu ainda não tinha conseguido espaço para falar diretamente sobre a pesquisa. Conforme fizeram em nossa primeira interação, as duas, que haviam acabado de se conhecer no barco, tratavam-se como velhas amigas e me incluíam com naturalidade em suas conversas sobre a viagem, os filhos e seus maridos. Decidi que a conversa sobre a pesquisa não poderia passar da hora do almoço. Obviamente, elas haviam notado minha demora no bar e eu senti que precisava esclarecer as razões de estar conversando tanto tempo com Joab, sobretudo à Aline.

Enquanto comíamos, longe dos filhos e de Joab, finalmente pude explicar a ela. Conteí que era antropóloga, estudava no Rio de Janeiro e que estava ali a trabalho, fazendo pesquisa, e “ouvindo as histórias de viagem das pessoas”.

– Conversei com Joab ontem e ele me contou um pouquinho da história de vocês. Ficaria muito feliz se tu topasse conversar comigo também, pra me contar um pouco mais sobre os planos de vocês lá em Manaus – falei.

Aline pareceu surpresa e até se engasgou. A conversa, que fluía normalmente até ali, não andou mais. Ela se mostrou interessada em entender que trabalho era aquele de “contar história”, mas respondeu pontualmente todas as perguntas que fiz sobre a sua história.

Naquela mesma noite, conheci “os amigos” com quem Joab havia sumido em Belém. Era um grupo de seis homens que estava a caminho de Boa Vista, Roraima, para “tentar a sorte no garimpo lá”. Para minha surpresa, descobri que na verdade eles haviam se conhecido no barco. Do grupo, conheci melhor Nivaldo, Marlone e Gilvan. Os seis eram da cidade de Santa Luzia no Maranhão, de onde haviam saído de ônibus para Belém para pegar o barco para Manaus, para então seguir por terra até Boa Vista.

A primeira conversa que tivemos não foi tranquila. Conforme avançam as horas, no barco, o bar ia se tornando, pouco a pouco, um espaço hegemonicamente masculino. Após conversar com Joab, retornei ao segundo andar para jantar e retornei um pouco mais tarde. Àquela altura eu era a única mulher presente no espaço e minha disponibilidade e simpatia em conversar com o Joab e o resto do grupo rapidamente levou a insinuações e movimentos para “chechar” se eu estava “a fim de história” ou até mesmo se estava disponível para outro tipo de “programa”. “Sua rede tá onde? Se tu quiser passo ela pro lado da minha!” – me disse um dos homens do grupo. “Podemos procurar um camarote?” – me disse outro. “Passa aqui pra conversar comigo depois!” – ouvi de um dos membros da tripulação que trabalhava no bar. “Essa coisa de quem gosta de ouvir história deve ser porque não tem história pra contar. E você acha boa essa vida de ouvir história? Ou tá nessa vida pra achar marido?” – me disse Joab já na presença dos amigos.

Após algumas aproximações mais grosseiras, lhes disse diretamente que eu estava apenas conversando com eles, que achava que não havia nada demais em conversar e que não era por eu estar viajando sozinha que eles deveriam confundir as coisas e que se continuassem a confundir eu não iria mais conversar com eles. “NÃO! Que é isso? Vai embora não!” – disseram. “Mas eu disse alguma coisa errada?” – perguntou cenicamente um deles. E assim, entre cortes, cervejas, cigarros, gracinhas e algumas grosserias, conversamos bastante nos dias que se seguiram.

Nivaldo aparentava ter uns quarenta e poucos anos e como todos os outros do grupo era natural de Santa Luzia, um município de aproximadamente 70 mil habitantes do interior do Maranhão. Segundo os outros, ele que era o “experiente” e pelo que pude observar, apesar de “quase todos os meninos terem parente pra aqueles lados”, era ele quem tinha o “contato” mais certo do garimpo em Boa Vista, para onde o grupo estava indo. Segundo me contou, “um parente seu lá tinha o maquinário e eles estavam indo ver se dava certo o serviço”.

Dos homens do grupo, ele era o mais incisivo e grosseiro nas “gracinhas”, por isso estava um pouco apreensiva em como conduzir a conversa. Tinha que ser simpática para conseguir me aproximar, mas não a ponto de dar espaço para algum comentário indelicado. E se eventualmente recebesse uma “cantada” mais grosseira precisava ponderar mi-

nha reação para não acabar com a possibilidade de interlocução com ele e com o grupo. No final da tarde do segundo dia de viagem, foi quando consegui conversar com ele mais tranquilamente. Estávamos todos na área do bar. O sol já estava baixando e com a desculpa de tirar uma fotografia de um melhor ângulo, me aproximei da parte da frente do barco onde estava Nivaldo e Marlone, outro membro do grupo. Logo começamos a conversar. Não demorou muito, Marlone nos deixou sozinhos. Nivaldo falou rapidamente sobre a viagem e não demorou a inverter a conversa, me fazendo várias perguntas buscando saber mais sobre mim. “Você faz o que?” – perguntou.

Essa pergunta me foi feita muitas vezes ao longo da viagem e, sempre na tentativa de deixar o mais claro possível o que eu fazia de fato, a cada pergunta acabava “inventando” uma resposta diferente. A Nivaldo eu disse que estava estudando no Rio de Janeiro para ser professora, que eu era de Santarém, mas que já morava no Rio há alguns anos. Disse também que eu havia retornado a trabalho para ouvir histórias das pessoas na estrada e que por isso estava conversando com Joab na noite anterior. Aproveitando o gancho, perguntei então se ele não gostaria de me contar sua história. “Conta uma primeira então!” – respondeu. “Mas eu acabei de contar! Te falei que sou de Santarém, que estudei lá e que fui morar no Rio de Janeiro pra continuar meus estudos”.

– Verdade! Contou mesmo! Tá bom. Te contar então que tamo em viagem e que o objetivo é chegar em Boa Vista pra ir pro garimpo.

– Primeira vez?

– Não.

– Foi pra qual antes?

– Suriname. E marido a senhora tem? – perguntou, mais uma vez tentando inverter a conversa.

– Tenho não. Tô estudando ainda, quero ter dinheiro primeiro.

– Tá certo. Bom pra mulher estudar, que não vai depender do marido.

– Sim.

– E a senhora viaja sozinha por esse mundão de meu Deus?

– Viajo. Viajo muito sozinha, sim. Se for esperar companhia acaba não indo, né não?

– Verdade.

– Pensei até que fosse dar pra conhecer os municípios, mas só vamos parar rápido.

– A senhora queria conhecer?

– Queria sim!

– Lá em Belém nós saímos, fomos conhecer.

– É mesmo? – fingi surpresa – Foram pra qual parte?

Ele riu de canto antes de responder:

– Vish, até em boate nós fomos. Um ou outro até namorou antes da gente voltar...

Então essa foi a razão de Joab quase ter perdido o barco! – pensei. Nivaldo ficou calado alguns segundos, pensativo, senti que queria me perguntar algo. Não demorou muito ele disse: “Posso lhe fazer uma pergunta?”. “Diga lá!” – respondi. “Huum, a senhora é assim mais masculina ou mais feminina?”. Surpresa, de repente, me vi confrontada com uma questão para a qual não havia definido uma resposta ainda: era seguro ou “estratégico” ser honesta com aqueles que, ao longo do caminho, levantassem questões a respeito de minha sexualidade? Sem tempo para pensar muito, respondi: “Você tá me perguntando se eu me relaciono com homem ou com mulher?” Nivaldo confirmou que sim com a cabeça. Nervosa, acabei decidindo responder honestamente aquela pergunta direta. “Sim, prefiro as mulheres, sou casada com uma mulher!”. Com um ar de “agora sim tá tudo explicado”, Nivaldo me respondeu: “Ah sim, entendi, tá certo, então!”.

Felizmente, nesse momento, Marlone retornou acompanhado de Gilvan e continuamos conversando todos, deixando para trás o clima de constrangimento produzido pela pergunta de Nivaldo. “Ela é engraçada ela” – diz ele para os outros dois, retomando o tom e o olhar de sedução que usara na maioria de nossas interações. “Essa sabe se sair bem!”. “Tenho que saber né? Pra viajar só tem que saber se sair bem.” – respondi. “Mas ela é muito linda, vou tirar uma foto dela pra colocar no meu celular”. “Não pode dar uma conversa pra ele que ele já fica todo engraçadinho né?” – disse, arrancando risos de Gilvan e Marlone. Nivaldo apenas sorri de canto. “Num tô dizendo? Agora ainda tá tirando comigo, essa se sai bem!”.

Na noite daquele mesmo dia, depois do jantar, sentada em um dos bancos laterais que ficavam na parte do bar, conversei com seu Mário, um cearense de uns quase setenta anos, que retornava de Fortaleza para Santarém, cidade em que vivia “fazia era tempo” trabalhando em “fazenda”. Enquanto partilhávamos informações sobre os bairros de Santarém em que já havíamos vivido e eu lhe contava um pouco sobre minha família, Joab sentou-se ao nosso lado e ficou ali, calado, como se esperasse o momento para entrar na conversa. Com os olhos baixos, ele aparentemente havia bebido bastante. Mais cedo havia acompanhado ele e os “amigos” fazerem uma “vaquinha” para comprar várias garrafas de cachaça em uma das cidades em que paramos ao longo do dia. Atento a nossa conversa, assim que percebeu uma pausa ele começou a “puxar assunto”, falando com uma voz bem arrastada. Depois de algumas perguntas soltas sobre as histórias que havia ouvido até ali e após mais algumas outras insinuações sobre o “verdadeiro motivo” porque estava viajando, talvez um pouco irritado com meus cortes em suas “investidas”, ele falou: “Olha moça, tenho que falar uma coisa! Você, você é uma mulher bonita, não devia tá andando assim. Olha só, essa calça larga, essa roupa feia que tá usando...”. Percebendo que a conversa não

estava indo para um rumo bom, somente balancei a cabeça sorrindo meio sem jeito enquanto tentava retomar a conversa com seu Mário. “Sem marido...”. Entre esse movimento de retomada e a insistência de Joab de continuar falando, entre conversas sobreposta ao fim o ouvi dizer: “Acho que você não gosta de homem! Você não gosta de homem, não é?”. Ao perceber meu empenho em ignorá-lo e retomar a conversa com seu Mário, ele retornou para junto de seus amigos. Assim que ele nos deixou sozinhos, seu Mário, irritado com o que havia acontecido me fez uma longa fala constrangida sobre o “respeito às pessoas”. “Cada um tem seu jeito, minha filha”.

Na tarde do terceiro dia, voltei ao bar para tentar continuar conversando com os rapazes. Como ainda era cedo, diferentemente dos outros dias, havia outra mulher além de mim por ali. Alta, loura, branquíssima e de olhos claros, logo supus se tratar de uma “turista gringa”. Ela estava sentada em dos bancos laterais observando o rio e possuía uma grande máquina fotográfica. O encontro ocasional com aquela outra mulher, uma “gringa” marcada por signos tão expressivos de brancura, me fez observar com mais atenção as marcas de cor que atravessavam minhas interações com aqueles homens. Marlone era um homem preto retinto e, na interação com ele, minha pele clara, menos branca que a daquela outra mulher, se via em contraste. Nivaldo, Joab e Gilvan, por sua vez, eram mais como eu. O contraste de nossas peles se dava com a pele da “turista gringa”. Nem lá, nem cá, alguma coisa no meio do caminho. Outras marcas, no entanto, me “branqueavam” naquela interação. Nossas trajetórias de classe também se viam presentes em nossas peles. Ainda que semelhantes no tom da pele, alguns deles, não muito mais velhos do que eu, carregavam as manchas do trabalho pesado sob o sol quente.

Gilvan e Marlone estavam nos bancos de frente para o bar. Cheguei sem lhes dar muita atenção e segui para comprar uma cerveja. Com a latinha na mão lhes perguntei sorrindo se já haviam parado por aquele dia. Marlone, tímido, apenas sorriu e Gilvan respondeu que sim. Sempre preocupada em conduzir da melhor forma possível uma estratégia tanto de aproximação quanto de distanciamento, decidi sentar-me ao lado da “gringa” e fiquei ali observando o rio, tomando cerveja e fumando um cigarro. Ela também estava sozinha, nem por isso foi abordada por eles da forma como fui naqueles dias.

Ao longo da viagem, beber e fumar com eles foi essencial para construir a interação. No barco, os itens de consumo possuem um preço maior do que a média local. Cerveja e cigarro custam caro. Não foi difícil perceber que alguns dos homens do grupo, na maioria das vezes acompanhados por Joab, passavam o dia bebendo. Entre eles, pagar a bebida para si e para os outros era uma maneira de mostrar recursos e se exibir. Por isso, grande parte de minha interação com o grupo foi atravessada por uma espécie de disputa e desafio sobre quem pagaria

minha bebida. Minha recusa em aceitar a “gentileza” me permitia reforçar meu distanciamento em relação às expectativas que eles elaboravam a respeito de mulheres “viajando sozinha” e compor minha posição de “pesquisadora do Rio de Janeiro”. Afinal, se eu tinha dinheiro e não tinha marido, devia ter trabalho. Então realmente podia ser verdade que estava sendo paga para estar ali “viajando ouvindo história”. E cigarro na roda acaba rápido! Os mais “desprevenidos”, não sem constrangimento, logo começaram a fumar de meu maço. Assim, quando terminava de fumar o primeiro cigarro, Gilvan veio se sentar ao meu lado. “Tem cigarro aí ainda?” – perguntou. Coloquei o maço no banco à sua disposição e começamos a conversar.

Com 29 anos, não era a primeira vez que Gilvan seguia a caminho de um garimpo. Uns anos antes, ele trabalhou na “França” (Guiana Francesa), mas teve que voltar porque as coisas ficaram difíceis por lá. “Muita polícia!”. Em Santa Luzia, as coisas também não estavam boas. “Pra lá era mais roça, fazenda...” e, segundo contou, quando estava na cidade era desse serviço que tirava o sustento. Toda sua família era de lá, tinha oito irmãos, quatro homens e quatro mulheres. Tinha também dois filhos sobre os quais não quis falar muito. Mas as coisas não estavam boas em Santa Luzia e “muitos conhecidos estavam pra essas bandas de Roraima tentando a sorte no garimpo”.

– Um conhecido meu foi pra lá e fez setenta mil em um mês! Setenta mil, tá bom né? – me disse empolgado.

Mas seu plano inicial não era ir para Roraima. Antes, estava tudo certo para ele ir de avião para a “França” (Guiana Francesa), “um contato ia pagar a passagem adiantado”. Mas “o cara sumiu, não atendeu mais telefone, aí eu desisti e resolvi ir pra Roraima com os meninos”.

– E quem é que tem o contato pra lá? É o Nivaldo? – perguntei buscando entender melhor qual era o acordo com o “parente de Nivaldo que tinha o maquinário”.

– Os meninos quase todos têm parente pra lá, não sei direito. Mas se não der certo lá, vou para o Suriname.

Ele pediu meu telefone. Prevenida, peguei um cartão de visitas na bolsa com minha identificação institucional e meu telefone. Ele olhou admirado e colocou o cartão na carteira. Ficou combinado que ele me escreveria “se fizesse dinheiro em Roraima”. Mais tarde, naquele dia, os outros membros do grupo vieram me questionar por que só Gilvan havia “ganhado” meu telefone. Ao fim, dei o cartão de visita da minha “firma” com meus dados de contato para todos eles.

“CULTURAS VIAJANTES” MASCULINAS? OS DESAFIOS DE HABITAR O “MUNDO” DESDE O ENTRE-LUGAR

Comecei a pensar: Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso também não me define. Sim, sou lésbica, mas

isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa *mestizaje* que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra. Comecei a pensar em termos de consciência *mestiza*. O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias da diferença? (ANZALDÚA 2000, p. 215, tradução minha)⁷.

Temos, na antropologia, um costume arraigado de delimitar nossas análises espacialmente. Conforme nos lembra Clifford (2000), no processo de construção de nossos problemas de pesquisa, acabamos por recorrer a unidades de análise circunscritas (sociedades, tradições, comunidades, identidades), que não raras vezes se sobrepõem ao espaço de um território delimitado. Pelas marcas de nossas “tradições” territorializadas, muitas vezes irrefletidamente, acabamos por transformar o espaço/tempo de nossos trânsitos e viagens em uma espécie de não-lugar (AUGÉ, 1999): espaço por onde simplesmente passamos no ato de nos deslocarmos de um lugar a outro, em um momento provisório de desconexão do universo de relações sociais onde estamos inseridos, às quais pretendemos retomar tão logo chegemos a nossos destinos. E assim, nos vemos pensando a pesquisa como algo que se inicia apenas quando “chegamos lá”.

Aproximando-me de Clifford (2000) e Ingold (2015), busquei borrar as fronteiras territorializadas de meu campo, levando a sério as relações, os conhecimentos e a vida que se fazem no espaço das viagens e dos caminhos. Mover-se no mundo é mais do que se deslocar de um ponto a outro. Aqui, o movimento, a viagem e o “trecho” constituíam profundamente a trajetória dos sujeitos com quem interagi (RUMSTAIN, 2012; GUEDES, 2013) e também a minha, como antropóloga no “mundo”. E em minha visibilidade corpórea (NASCIMENTO, 2019), pude perceber que, se a vida se faz no movimento, nem todos podemos nos mover da mesma maneira.

No barco, deparei-me com diversos tipos de relatos e experiências que, tal como destacou Guedes (2013), indicavam a existência de uma espécie de “tradição” masculina em deslocar-se, em “andar, rodar, estar no mundo”, ou para citar Joab, em “caçar melhoria por aí”. Penso que ao longo daqueles dias, essa “tradição” largamente associada a classes populares, como às que pertenciam Joab, Nivaldo e os outros homens que conheci, viu-se em choque com outra “cultura viajante”, a minha, de mulher antropóloga. Inspirada pelas considerações de Clifford (2000), penso que tratar todas as experiências descritas – a minha e de meus interlocutores – como experiências de “viagem” seja um ponto de partida interessante para a realização de uma “comparação contingente e estratégica” capaz de evidenciar a forma como interstícios e imbricamentos entre gênero, sexualidade, classe, raça e pertencimento regional delimitam movimentos e experiências de mobilidade⁸.

Em diferentes contextos, diversos pesquisadores têm pontuado como o “mundo” e a experiência da “viagem” são imaginados como espaços privilegiados do trânsito masculino, demonstrando que “cair na estrada” e “sair pelo mundo” em busca de “aventuras” são experiências profundamente marcadas por gramáticas de gênero e sexo (CLIFFORD, 2000; GUEDES, 2013; PISCITELLI, 2017; OYHANTCABAL, 2018; KAMINSKI; VIEIRA, 2020). Quando reivindicado pelas mulheres, o ato de “viajar sozinha” muitas vezes é percebido como uma decisão deliberada de colocar-se em vulnerabilidade (PISCITELLI, 2017; OYHANTCABAL, 2018).

“A senhora anda por aí sozinha nesse mundão de meu Deus?” – me perguntou Nivaldo. A surpresa presente no tom de voz de seu questionamento fazia movimentar uma série de expectativas genderizadas em torno das viagens, dos movimentos e dos corpos mais autorizados que outros a “andarem por aí”. As perguntas insistentes sobre meu status civil tensionavam o lugar “errado” em que estava me metendo, a “mulher certa” a que se “sabe dar valor” é aquela que fica ao lado do marido, que cuida dos filhos e da “casa”, “mesmo quando esse é muito errado na vida”, conforme me disse Joab. No “mundo” tem mulher sim, mulher do mundo. “A minha mulher mesmo tá em casa com as crianças”. Ao longo de todo o período de trabalho de campo, seja qual fosse a resposta que decidisse apresentar às perguntas sobre meu status civil, o que dizia nunca parecia “satisfazer” completamente meu interlocutor do momento. Se dizia ser solteira entendiam como um convite a localizar-me na referência que tinham sobre as “mulheres do mundo”, se dizia ser casada com um homem, “tinha casado errado”. “Que homem era esse que deixava a mulher sair por aí sozinha desse jeito?”

Minha presença e o lugar hierarquicamente superior que dizia ocupar ao dar-lhes meu “cartão da firma” em que “trabalhava” no Rio de Janeiro – essa terra ao Sul imaginada como um espaço de beleza, perigos e sucesso – para onde havia migrado e aparentemente tido “sucesso” em meu “trabalho” tensionavam as referências que tinham sobre mulher/casa, homem/mundo, mulher/mundo. Não à toa minhas interações foram constantemente atravessadas por “confusões” e questionamentos acerca do meu lugar e do “trabalho” que dizia estar fazendo. “E tão te pagando pra você sair por aí ouvindo história?”. Essa tensão em torno da ideia de “trabalho” também é reveladora dos imaginários que circundam a experiência da “viagem” e da frequente oposição mobilizada entre essas duas experiências que eu insistia em querer apresentar juntas.

Viagem-aventura. Um par frequentemente acionado em fusão nas reações preocupadas daqueles que ouviram pela primeira vez meus planos de “trabalho” para aquele período. Fusão sedimentada que parecia perpassar a dificuldade de meus interlocutores homens em lerem (e até mesmo acreditar) (n)a posição que eu – uma mulher do norte – dizia ocupar. Mulher, paraense, jovem, pesquisadora, antropóloga, moradora

do Rio de Janeiro, a cidade da novela. Paraense? Pesquisadora? “Mas eu nunca conheci uma mulher paraense pesquisadora”, “mas você é casada?”. “Antropóloga? Não sei nem o que é isso”. “É solteira, tá sozinha, tá a fim de história, tá procurando homem”. Mas se eu era de “aventura” como poderia ser pesquisadora, “importante”, “séria”, ter “trabalho” na cidade da novela? Devia ser mentira! Trabalho que nada! Só uma desculpa pra sair por aí por esse “mundo de meu Deus”. Mas se eu não tinha marido e tinha dinheiro para “colocar cerveja e cigarro na roda” devia ser verdade. Ou será que não?

A partir de 2015, quando me mudei para o Rio de Janeiro, minhas experiências de pesquisa passaram a ser marcadas por meu ir-e-vir. Desde então, representações relacionadas a essa oposição Norte/Sul têm aparecido como um ponto estruturante nas relações que tenho buscado estabelecer em campo. As reações ao lugar que eu dizia ocupar também me pareceram reveladoras dos diferentes referentes que aqueles homens possuíam acerca das mulheres presentes em suas vidas e essas outras mulheres vindas do centro-sul. As experiências vividas no barco tensionaram meus trânsitos de modo desafiador. Afinal, como deveriam reagir os homens que conheci a uma mulher que reivindicava estar no “entre” as imagens que eles indicavam possuir sobre mulheres, o “mundo” e sobre o Norte/Sul? Por um lado, se os lembrava de que viajava também para reencontrar minha família em Santarém, afirmava meu lugar ao Norte mais próximo de sua realidade e criava um terreno produtivo para uma aproximação um pouco menos hierárquica, que me rendeu elogios por, apesar de ser “estudada”, conversar com eles como igual. No entanto, esse movimento para apaziguar em alguma medida as hierarquias que atravessavam nossa interação, facilmente era lido como um convite a outro tipo de aproximação. Nesse momento, tinha que lembrar-lhes de minha “firma”, puxar um cartão de visitas, falar do Rio de Janeiro, afirmar que era diferente das “mulheres do mundo” que conheciam: eu havia saído do Norte e “vencido na vida” na cidade da novela.

Mas, e essa roupa “errada” que ela está vestindo? Como bem descreveu Abu-Lughod (1988), a partir de sua experiência etnográfica entre as mulheres beduínas, a roupa que escolhemos usar ou que nos demandam usar em nossas experiências de pesquisa está longe de ser uma trivialidade. A forma como nos apresentamos em campo é determinante na leitura sobre o “grupo” a que fazemos parte e atravessa de maneira ainda mais premente a experiência das mulheres. Vestir uma “calça larga e feia” foi uma escolha pensada para não chamar atenção a meu corpo “padrão”, mas também uma decisão tomada com receio de que esta performance feminina “equivocada”, somada a minhas outras gestualidades, denunciasse minha sexualidade. Fui descoberta. O ar de Nivaldo de “agora sim tudo faz sentido” sinalizou como esse deslizamento para o “masculino” reafirmou seu imaginário sobre a quem o

“mundo” estava reservado. A reação irritada de Joab, por sua vez, sinalizou como estar no “interstício” e ocupar todos esses “entres” (BHABHA, 1998; ANZALDUA, 2000) não raramente pode representar a possibilidade de ser confrontada a fincar os pés em um lugar só, em uma posição clara que esclarecesse minhas ações, meus “cortes”, o meu não-encaixar em seu esquema de interpretação sobre as “mulheres” no “mundo”. Não perco de vista que essas “sobreposições e deslocamentos entre domínios da diferença” (BHABHA, 1998) podem representar um risco potencial de violência.

Reverberando de minhas interações com os homens, as desconfianças passaram também a delimitar minha interação com outras mulheres, sobretudo com Aline, esposa de Joab. A figura de uma mulher jovem, viajando sozinha, e sem filhos parecia irradiar uma diversidade de desconfianças sexualizadas – suavizadas, talvez, pelo meu jeito ambíguo de me portar e de me vestir –, mas sempre presentes. A interação com Joab no bar, em nossa noite de partida, acabou por definir o recorte das relações estabelecidas naqueles dias. Minha interação com as mulheres não foi impossibilitada, mas esteve limitada pela necessidade de manter no horizonte um cuidado contínuo com os possíveis mal-entendidos que poderiam surgir de minha disponibilidade em passar tanto tempo no terceiro andar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma etnografia feminista encarnada e situada inclui silenciamentos, marcas, ruídos que não caminham necessariamente num único sentido e não produzem uma visão unilateral e sim caleidoscópica. Criam-se entendimentos, desentendimentos, rupturas e aproximações, que não necessariamente fazem parte das primeiras camadas de escrita apresentadas em artigos, relatórios, publicações; estão nas entrelinhas subliminares, borradas e apagadas, sempre presentes na trajetória da pesquisadora. Assim, assumir o posicionamento de uma antropologia a partir da borda é possibilitar que estas entrelinhas, que marcam as trajetórias etnográficas, façam parte da escrita, como um trabalho artesanal (MARIZA PEIRANO, 1995), sempre incompleto, parcial e fronteiro (NASCIMENTO, 2019, p. 469)

Se é no “estar lá”, no campo, que se configura o momento máximo no qual nós, antropólogas, sentimos pressionar constrangimentos e medos que definem limites ao nosso movimento de inserir nossos corpos no mundo, é no momento da escrita que nos deparamos com o desconforto de decidir ou não narrar as tensões envolvidas em certas interações, na medida em que muitas vezes somos instadas a “limpar” nossa narrativa em nome da produção de um trabalho acadêmico “padrão”, palatável, sem as marcas das inseguranças e medos que, ao final das contas, delimitam profundamente nossas produções. Nesse ensaio, ao explorar

a evidência de meu próprio corpo, busquei construir uma escrita encarnada, atenta às potências e aos riscos de transitar pelo mundo negociando marcas e fronteiras da diferença.

Assim, busquei demonstrar como habitar o próprio espaço da viagem pode ser uma experiência produtiva para compreender os quadros simbólicos que perpassam experiências de mobilidade. A partir da descrição do encontro entre diferentes “culturas viajantes” (CLIFFORD, 2000), pude demonstrar como interações estabelecidas no marco da experiência compartilhada da “viagem” podem ser reveladoras de representações generificadas/sexualizadas sobre a “casa”, o “mundo”, o “trabalho” e a “aventura”. Nesse sentido, busquei argumentar como os encontros e desencontros nas leituras sobre minhas “intenções” de “viagem” se tornaram um ponto de partida interessante para descrever como marcadores sociais da diferença são enquadrados em experiências de mobilidade.

Os confrontos, deslizos e tensionamentos marcados pelo gênero/sexualidade vividos ao longo de meu trabalho de campo não me permitiram tratar como um “tabu” as leituras sobre meu corpo e as investidas que exacerbavam meu lugar enquanto um “sujeito sexual” (KULICK, 1995). Viajando sozinha, apesar de todos os meus esforços em deixar claros os objetivos que orientavam meu trânsito, me vi enredada em uma dinâmica de aproximação necessariamente mediada pela sedução, pelo desejo e pelos desafios e perigos que este tipo de enredo pode representar. Ao longo do texto, busquei transformar essas zonas de tensão em um dado de pesquisa sobre os imaginários e esquemas de interpretação masculinos sobre as viagens e as estradas (CLIFFORD, 2000; GUEDES, 2013), mobilizando-as para acessar elementos do que me parece constituir uma teoria etnográfica genderizada/sexualizada dos movimentos pela fronteira em expansão. Nesse quadro, meus deslizamentos pela dimensão fronteira da diferença delimitaram o campo de negociação para meus trânsitos possíveis, abrindo caminhos, por um lado, criando limitações, por outro, demandando-me criar estratégias para lidar com a visibilidade de meu próprio corpo e de minhas gestualidades, buscando administrar os medos delimitados pela presença de uma certa tensão da possibilidade da violência.

NOTAS

1. O texto apresentado é fruto de trabalho de investigação realizados sobre/a partir da Amazônia brasileira no âmbito do projeto de pesquisa de doutorado “Nas estradas da “fronteira amazônica”: sobre colonialismos duráveis e a dimensão racializada-generificada-sexualizada do Estado-nação brasileiro”, que segue em andamento no Programa de pós-graduação em Antropologia Social/ Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da professora Adriana Vianna. A pesquisa de campo contou com recursos

de diferentes editais de auxílio à pesquisa promovidos pelo programa (2017, 2018, 2019). Na atual etapa de finalização da pesquisa e escrita da tese, conto com financiamento da IJUUR Foundation ao projeto “Frames of a civilizational road project: colonial durability, racialization and urbanization at the Brazilian Amazon”, contemplado no âmbito do edital “Writing up grant”, 2020.

2. Nesse ponto, utilizarei aspas quando me referir a Amazônia para marcar que o termo não é somente uma referência à localização geográfica dessa região, mas também uma referência às imagens e invenções que recaem sobre esse lugar.

3. Sobre a importância, abrangência e consolidação do campo de estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil, ver “Dossiê Antropologia, Gênero e Sexualidade no Brasil: Balanço e Perspectivas”, publicado em 2014, nos Cadernos Pagu.

4. Em setembro de 2017, foi realizado pelo Núcleo de Estudos de Gênero PAGU o Seminário Internacional “Gênero e territórios de fronteira”, na Universidade Estadual de Campinas. O principal objetivo do evento foi a divulgação dos resultados das pesquisas realizadas no âmbito do projeto “Gênero em territórios de fronteira e transfronteiriços na Amazônia brasileira”, coordenado por José Miguel Nieto Olivar, entre 2015 e 2017. Ao longo do evento, divulgou-se que um dos resultados do projeto foi a constatação da inexistência de um campo de pesquisas no Brasil em que se cruzem os estudos de fronteira e os estudos de gênero. Desde então, diversos pesquisadores têm buscado adensar esse debate no contexto brasileiro e em contextos amazônicos, mais especificamente (Melo, 2018 e 2019; Oliveira e Nascimento, 2017; Nascimento, 2019), articulando-se em grupos de trabalho e atuando na organização de dossiês (Albuquerque e Olivar, 2015; Olivar e Passamani, 2019). A comunicação oral dos resultados do projeto de pesquisa mencionado foi feita por Olivar na abertura do evento e está disponível para consulta no link: <http://cameraweb.ccuec.unicamp.br/watch_video.php?v=G6N2XSRRMN44>.

5. Nesse texto, apresento apenas uma pequena parte de meu material de campo. No decorrer de meu percurso de pesquisa, também foram realizadas atividades de pesquisa nas/entre as cidades de Santarém (PA), Rurópolis (PA), Novo Progresso (PA) e Sinop (MT).

6. Nesse ensaio, selecionei situações etnográficas que me permitissem tratar mais diretamente sobre os desafios vividos ao longo das interações estabelecidas com os homens que conheci. As dificuldades impostas por minha posicionalidade particular ao longo de minhas interações com outras mulheres “viajantes” serão mencionadas pontualmente e se aproximam em alguma medida das reflexões apresentadas aqui, mas também as ultrapassam em vários sentidos e deverão receber tratamento analítico específico mais aprofundado em outro momento.

7. Aproximando-me da leitura que Melo (2019) e Nascimento (2019) constroem com a proposta de Anzaldúa, esclareço que opto por manter a grafia de mestizaje e mestiza em castelhano como um modo de demarcar que, no pensamento da autora, essas categorias assumem um sentido que extrapola a forma particular como o debate sobre mestiçagem foi colocado no Brasil. O diálogo que proponho com a obra de Anzaldúa e sua discussão sobre o “entre-lugar” é motivado pela forma como o pensamento da autora permitiu adensar o debate sobre a intersecção situacional e movediça entre marcadores sociais, através de uma perspectiva não dualista e não essencialista da diferença.

8. Não desconsidero a indiscutível dimensão de classe delimitada pelo termo “viagem” em função de seu uso corrente na identificação de trânsitos associados ao universo do turismo (Clifford, 2000). Não trato aqui de afirmar que nossas “viagens” carregavam as mesmas marcas. Recorro a esse termo em comum, apropriando-me de seu sentido genérico, justamente para expor as diferenças entre os modos particulares como os movimentos constituíam nossas trajetórias.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled Sentiments: honor and poetry in a Bedouin Society*. London: University of California Press, 1988.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar; OLIVAR, José Miguel. Apresentação Dossiê Fronteiras. *Revista Ambivalências*, v. 3, n. 5, p. 3-27, 2015.
- ANZALDUA, Gloria. *Interviews/Entrevistas*. New York: Routledge, 2000.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Rio de Janeiro: Editora Papirus, 1992
- BARTH, Frederick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FNART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BEMERGUY, Telma de Sousa. (Novas) fronteiras e ideários coloniais de longa duração: uma análise a partir da disputa pela reconfiguração territorial da Amazônia brasileira. *Antropolítica*, Niterói, n. 46, 1º sem. 2019a.
- BEMERGUY, Telma de Sousa. Antropologia em qual cidade? Ou porque a “Amazônia” não é lugar de “antropologia urbana”. *Ponto Urbe: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 24, 2019b.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 22-155.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.
- CLIFFORD, James. Culturas viajantes. In: Arantes, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 50-79.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Trad. Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Pa-peis Selvagens, EdUFRJ, 2016.
- FABIAN, Johannes. Ethnographic Misunderstanding and the Perils of Context. *American Anthropologist*. New Series, v. 97, n. 1, p. 41-50, mar. 1995.
- FACUNDO, Ângela. *Êxodos e refúgios: colombianos refugiados no sul e sudeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- FASSIN, Didier. Policing borders, producing boundaries: the governmentality of immigration in dark times. *Annual Review of Anthropology*, v. 40, p. 213-226, 2011.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. *ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 2, n. 4, p. 24-40, 2015.

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás*. São Paulo: Garamond, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-288

HARDING, Sandra. Introduction: Standpoint theory as a site of political, philosophic, and scientific debate. In: HARDING, Sandra (Org.). *The feminist standpoint theory reader: intellectual and political controversies*. New York: Routledge, 2004.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes Limitada, 2015.

KAMINSKI, Leon; VIEIRA, Danusa. Rosa dos ventos no peito: mulheres, viagens e contracultura. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 7, n. 12, p. 1-29, 2020.

KULICK, Don. Introduction. The Sexual Life of Anthropologists: Erotic Subjectivity and Ethnographic Work. In: KULICK, Don; WILLSON, Margaret (Orgs.). *Taboo*. New York: Routledge, 1995. p. 13-33.

LONDOÑO, Jaime E. La frontera: un concepto en construcción. In: Garcia, Clara (ed). *Fronteras. Territorios y Metáforas*. Medellín: INER, Universidad de Antioquia, Hombre Nuevo Editores, 2003. p 61-86.

MELO, Flávia. Pena e perigo no governo da fronteira: considerações para uma análise generificada da fronteira amazônica de Brasil, Peru e Colômbia. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, v. 49, n. 3, p. 201-242, 2018.

MELO, Flávia. Mover-se nas fronteiras: percursos, políticas e saberes transfronteiriços. *Revista de @ntropologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, p. 599-622, 2019.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 2, p. 459-484, 2019.

OLIVAR, José Miguel Nieto; PASSAMANI, Guilherme R. Corpos, fronteiras, gênero e sexualidade. *Revista de @ntropologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, p. 599-622, 2019.

- OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. O (ou-tro) lugar do desejo notas iniciais sobre sexualidades, cidade e diferença na tríplice fronteira amazônica. *Amazônica – revista de antropologia*, v. 8, n. 1, p. 118-141, 2017.
- OYHANTCABAL, Laura Mercedes. Cuando el viaje se siente en el cuerpo: algunas reflexiones sobre viajes, nomadismo y género. *Encuentros Latinoamericanos*, v. 2, n. 2, p. 86-109, 2018.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. A fronteira e seus cenários: narrativas e imagens sobre a Amazônia. In: NORONHA, Nelson de Matos; ATHIAS, Renato (Orgs.). *Ciência e Saberes na Amazônia*: indivíduos, coletividades, gênero e etnias. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.
- PEIRANO, Mariza. When anthropology is at home: the different contexts of a single discipline. *Annual review of anthropology*, v. 27, n. 1, p. 105-128, 1998.
- PEIRANO, Mariza. Antropologia no Brasil: alteridade contextualizada. In: MICELI, Sergio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, v. 1, p. 225-266, 1999.
- PISCITELLI, Adriana. “#Queroviajarsozinhasemmedo”: novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.
- RICARDO, Cassiano. *Marcha Para Oeste*: a influência da “Bandeira” na formação social e política do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.
- RUMSTAIN, Ariana. *Peões no trecho*: trajetórias e estratégias de mobilidade no Mato Grosso. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2012.
- SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional: Antropologia*, Rio de Janeiro, n. 32, 1979.
- SERJE, Margarita. *El revés de la nación*: territorios salvajes, fronteras y tierras de nadie. Bogotá: Universidad de los Andes, 2005.
- STAUDT, Kathleen. *Border politics in a global era*: comparative perspectives. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018.
- STOCKING JR, George W. The Ethnographer’s Magic: Fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski. In: STOCKING JR, George W. (ed). *Observers Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork*, 1983. p. 70-120.
- STRATHERN, Marilyn. Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia. In: STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- VELHO, Otávio. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. *Cadernos Pagu*, n. 51, 2017.

VIDAL E SOUZA, Candice. Fronteira no pensamento social brasileiro: o sertão nacionalizado. *Sociedade e Cultura*, v. 1, n. 1, p. 55-61, jan./jun. 1998.

URIBE, Simón. *Frontier Road: Power, History, and the Everyday State in the Colombian Amazon*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2017.